



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

13 de agosto de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • N° 122

O DIA DA MARINHA RUSSA E O RETORNO DA RÚSSIA GLOBAL

ESTE E OUTROS 14 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPÇÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UNESP)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GECORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILLO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

<p>AMÉRICA DO SUL</p> <p>Frota chinesa em Galápagos reacende debate sobre controle marítimo sul-americano5</p> <p>A Rota Bioceânica como símbolo de integração sul-americana6</p> <p>AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL</p> <p>Debate sobre os gastos militares dos EUA6</p> <p>ÁFRICA SUBSAARIANA</p> <p>Entre insurgentes e mercenários: o caso de Cabo Delgado e o impasse sul-africano7</p> <p>Idas e vindas nas negociações do Nilo8</p> <p>EUROPA</p> <p>Economia e Defesa no consenso europeu8</p> <p>ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA</p> <p>As explosões na infraestrutura estratégica do Irã e implicações geopolíticas9</p> <p>RÚSSIA & Ex-URSS</p> <p>O Dia da Marinha Russa e o retorno da Rússia Global10</p> <p>O Exercício Sea Breeze 2020 e as pressões navais russas10</p>	<p>LESTE ASIÁTICO</p> <p>JS Izumo e a oceanopolítica japonesa 11</p> <p>Coreia do Sul: rescindir ou continuar o GSOMIA com o Japão? 12</p> <p>SUL DA ÁSIA</p> <p>Conflito sino-indiano nos Himalaias e os impactos no Oceano Índico 13</p> <p>SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA</p> <p>EUA e Vietnã: 25 anos de relações diplomáticas em meio à disputa regional 14</p> <p>ÁRTICO & ANTÁRTICA</p> <p>Além da preocupação ambiental: A parte política do ambicioso projeto australiano14</p> <p>TEMAS ESPECIAIS</p> <p>A Guerra Fria tecnológica entre EUA e China: o caso da Huawei 15</p> <p>Artigos Selecionados & Notícias de Defesa 16</p> <p>Calendário Geocorrente 16</p> <p>Referências 17</p> <p>Mapa de Riscos 18</p>
---	---

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

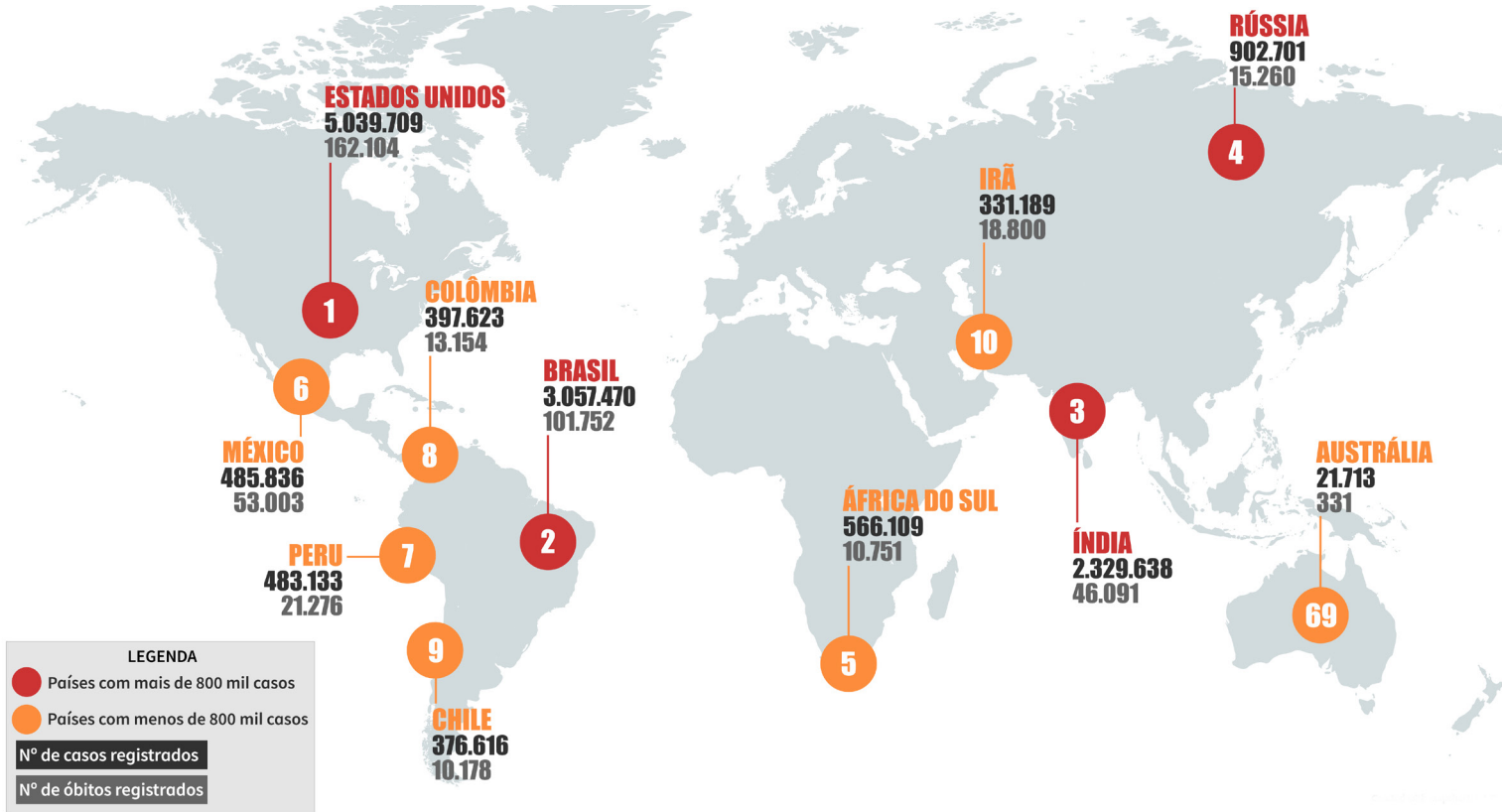


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

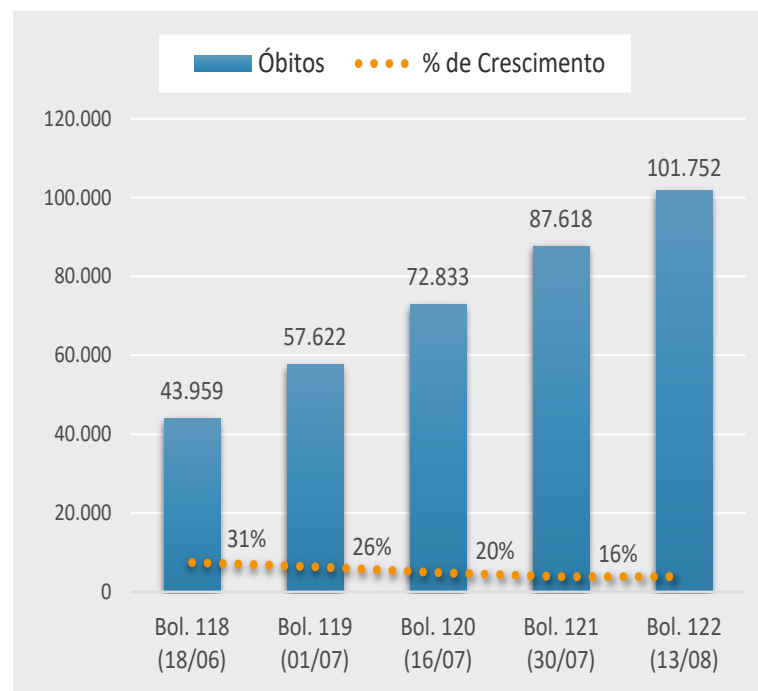
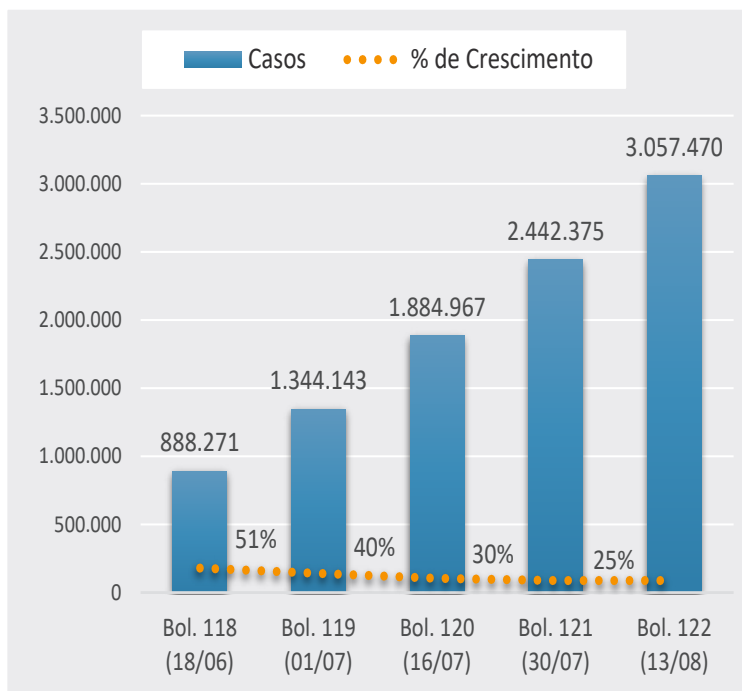
ACOMPANHAMENTO COVID-19

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Situation report – 205", da OMS, publicado no dia 12 de agosto de 2020.



ACOMPANHAMENTO NO BRASIL



Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

Frota chinesa em Galápagos reacende debate sobre controle marítimo sul-americano

Gabriela Nogueira

Em 06 de agosto de 2020, as Forças Armadas (FA) do Equador confirmaram o aumento de embarcações estrangeiras próximas às ilhas de Galápagos, de 260 para 340 embarcações. A maioria são barcos de pesca de bandeira chinesa, que permanecem em águas internacionais, no limite da Zona Econômica Exclusiva (ZEE) continental e insular do Equador.

Um diálogo direto entre os países foi iniciado em 05 de agosto e resultou nos seguintes pontos preliminares: acordo de monitoramento dos navios chineses em alto-mar por autoridades equatorianas; a moratória de pesca à oeste da reserva de Galápagos entre setembro e novembro; e, a política chinesa de “tolerância zero” às embarcações e empresas relacionadas com pesca ilegal.

As respostas parecem ter avançado em relação ao caso de 2017, quando uma embarcação chinesa foi interceptada na ZEE com cerca de 300 toneladas de pescado, incluindo espécies ameaçadas de extinção. As punições incluíram sanções e sentença aos pescadores, e o navio foi incorporado às FA equatorianas, começando a operar em julho de 2020. Na época, questionou-se se as medidas, consideradas demasiadamente brandas, atentavam-se às possíveis repercussões nas relações econômicas com a China.

Atualmente, o Equador é o terceiro maior devedor sul-americano da China, atrás somente da Venezuela e Brasil, situação agravada pela pandemia da COVID-19. Segundo Relatório da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), a América Latina e Caribe são as regiões em desenvolvimento mais afetadas pela atual conjuntura. Em 10 de julho, três empresas equatorianas de processamento de camarão, segundo maior setor do país, foram suspensas pelo mercado chinês, após vestígios de coronavírus terem sido detectados nas exportações. Em 03 de agosto, o presidente equatoriano anunciou que conseguiu reestruturar parte dos títulos externos com o governo chinês, buscando, bilateralmente, a reformulação da dívida, além de novos empréstimos.

Tanto na área de segurança e defesa dos mares, quanto nas respostas à crise econômica, as FA equatorianas e a CEPAL apontam a necessidade de cooperação regional. Nesse sentido, o caso do Equador parece ilustrar o debate sobre os desafios multidimensionais dos países da América do Sul e Caribe ao exigirem uma comunicação mais firme e fluida entre os mesmos, especialmente em cenários mais críticos, que podem ocorrer nos próximos anos.



A Rota Bioceânica como símbolo de integração sul-americana

João Felipe Ferraz

Em 29 de junho de 2020, o Brasil lançou um edital para a contratação de empresa para elaboração de projetos de engenharia para avanço na construção da Rota de Integração Latino Americana (RILA), ou Rota Bioceânica. Passando pelos territórios do Paraguai e da Argentina, o corredor rodoviário, com cerca de 2.396 km de extensão, visa conectar o Oceano Atlântico aos portos de Antofagasta e Iquique, ambos no Chile.

A obra abrange pavimentação de rodovias, instalações aduaneiras e a construção da ponte binacional sobre o rio Paraguai. A construção dessa ponte, com início previsto para 2021, conta com o aporte de recursos da Itaipu Binacional e ligará o município brasileiro de Porto Murtinho ao de Carmelo Peralta, no Paraguai. Dentro disso, a responsabilidade brasileira está em qualificar o trecho da rodovia BR-267/MS até a referida ponte. Segundo a estimativa do Ministério da Infraestrutura, a obra reduzirá em 14 dias o comércio do Brasil com países da Ásia e da Oceania; enquanto, atualmente, a maior parte do escoamento da produção acontece pelo porto de Santos.

Esse projeto de cooperação estatal é oriundo da Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional

Sul-Americana (IIRSA), inaugurada em 2000. Considerando o estreitamento das relações comerciais entre Brasil e China durante esse tempo, a construção da Rota tende a reduzir os custos logísticos de importações e exportações, favorecendo principalmente o setor brasileiro da agropecuária. Além disso, a obra já provoca uma dinamização econômica em municípios de baixo contingente populacional, inclusive no setor do turismo. Em contrapartida, os impactos socioambientais negativos já são calculados por especialistas, como a degradação do bioma do pantanal e reflexos nas atividades de pesca, predominantes na vida econômica das populações ribeirinhas brasileiras e paraguaias.

A Rota Bioceânica é simbólica para a integração regional da América do Sul e representa um esforço de cooperação entre os quatro países envolvidos no processo: Brasil, Paraguai, Argentina e Chile. Apesar das crises políticas entre estes Estados e do recente esvaziamento de blocos regionais, importantes espaços diplomáticos para a realização desse tipo de cooperação, o projeto avança com velocidade, reafirmando o caráter interestatal.



AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Debate sobre os gastos militares dos EUA

Jéssica Barreto

Em 20 de julho de 2020, representantes do Congresso votaram numa possível alteração do orçamento previsto para a área de defesa em 2021. Proposta pelo deputado Mark Pocan e pelo senador Bernie Sanders, a emenda defendia um corte de 10% nesse orçamento, redirecionando-o para a construção de casas, escolas, hospitais, creches e bibliotecas, como uma forma de

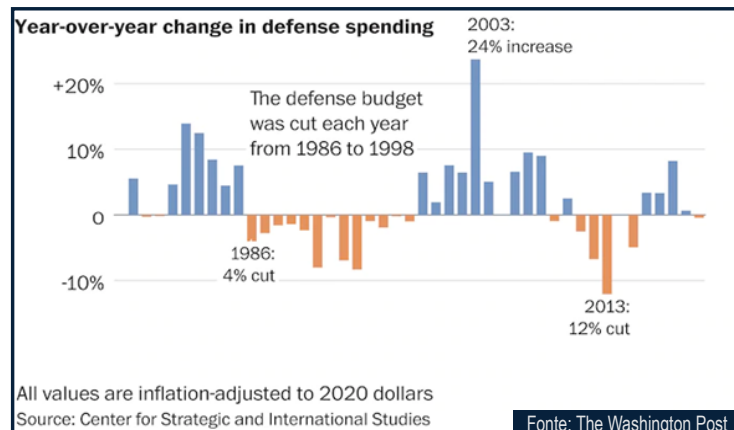
gerar empregos para ajudar a população num período de crise diante da pandemia. Apesar de ter perdido nas duas casas, com votação de 93x324, na Câmara, e 23x77, no Senado, os números da votação em si são vistos como uma vitória para aqueles que se opõem aos atuais gastos militares do país. O episódio foi capaz de reacender o debate sobre os exorbitantes gastos em Defesa, não só na >>

mídia, mas dentro do Partido Democrata e da sociedade.

Donald Trump venceu as últimas eleições com um discurso pró-militar, enfatizando a necessidade de se preparar contra as ameaças da China e da Rússia investindo mais no setor. Durante seu governo, o orçamento do Pentágono teve um aumento de quase 20%, sendo uma iniciativa acompanhada pelo Congresso que, em alguns anos, aprovou um valor ainda maior do que o contido na proposta governamental. Sendo um dos maiores departamentos econômicos do país, o setor industrial de desenvolvimento e produção de equipamentos militares nos EUA é envolto em polêmicas e tem forte influência política no governo Trump.

Essa votação representa uma nova pressão do Partido Republicano sobre o candidato Joe Biden, que concorre contra Donald Trump nas eleições de novembro de 2020. Percebido como da ala moderada dentro do partido, Biden defende a necessidade de maiores orçamentos para a pasta de Defesa, mas a pressão econômica que vem sendo imposta pela pandemia e o déficit fiscal que o

país apresenta, associados ao posicionamento enfático de parte do partido contra aumentos no setor militar, podem colaborar para uma queda ou estagnação do orçamento de Defesa, caso o candidato vença as eleições. Após a derrota da proposta de redução do orçamento, a Câmara aprovou o plano original de orçamento de US\$ 740,5 bilhões para este setor. O Senado ainda debate sobre essas medidas.



ÁFRICA SUBSAARIANA

Entre insurgentes e mercenários: o caso de Cabo Delgado e o impasse sul-africano

Vivian Mattos

Desde 2017, a província moçambicana de Cabo Delgado sofre com movimentos insurgentes extremistas, que se intensificaram nos últimos dois anos. O aumento das hostilidades na região potencializa uma crise humanitária que o país vivencia, desde 2019, com a passagem de ciclones. O conflito já gerou aproximadamente 200 mil deslocados e mais de 1.000 mortes, afetando não apenas a segurança da população, mas colocando em risco um dos maiores projetos da indústria de gás do continente africano. Consequentemente, o país tem perdido importantes investidores estrangeiros pelo fato de Moçambique não conseguir garantir a segurança da região.

A inabilidade moçambicana perante as investidas insurgentes e extremistas impulsionou a atuação de mercenários na região na tentativa de mitigar as hostilidades ([Boletim 116](#)). Atualmente, duas empresas operam na região: o Grupo *Wagner*, de nacionalidade russa, e a *Dyck Advisory*, empresa sul-africana. Apesar disso, a queda de investimentos da região e o acirramento do conflito levou o país a pedir ajuda internacional, em âmbito regional junto à *Southern Africa Development*

Community (SADC) e auxílios bilaterais como o caso da África do Sul. A requisição moçambicana por assistência sul-africana fez com que o braço armado do Estado Islâmico em Moçambique ameaçasse retaliar o país vizinho, caso se envolvesse no conflito, remetendo a episódios anteriores no continente como no Quênia com o *Al-Shabaab* e Camarões com o *Boko Haram*.

O quadro atual evidencia um grande impasse da África do Sul, dado que o país vive uma grave recessão, com uma taxa de desemprego de 30,1% e uma crise sanitária devido à pandemia. Porém, o pedido de ajuda traz um peso político para a África do Sul, considerando a sua liderança regional. Devido à advertência do grupo terrorista e do histórico de outros casos, não é vantajoso que a África do Sul auxilie bilateralmente, entretanto, seus esforços devem ser concentrados em orquestrar o auxílio regional sob sua liderança, em fóruns de cooperação como a SADC. Além disso, dada a porosidade fronteiriça entre os países da África Austral, faz-se necessário um esforço regional nas áreas de inteligência e segurança, a fim de evitar o transbordamento da situação de Cabo Delgado.

No dia 04 de agosto de 2020, o Egito e o Sudão, que participam com a Etiópia nas negociações sobre a construção da Grande Represa do Renascimento Etíope (GRRE), anunciaram a intenção de suspender a atual rodada de negociações, para consultas internas. O argumento adotado pelas partes é de que a proposta de acordo feita pela Etiópia não inclui mecanismos para regulamentar os níveis mínimos de água garantidos aos países a jusante do rio (o fluxo normal da água), versando apenas sobre o prazo de preenchimento da represa. Como resultado, as negociações, então iniciadas em 26 de junho, devem ser interrompidas.

Para além do prazo de preenchimento da represa, a repartição dos direitos de uso das águas do Nilo é um dos principais pontos contenciosos das atuais negociações. A Etiópia, o Sudão e o Egito baseiam suas posições em acordos diferentes e incompatíveis: Egito e Sudão, no acordo bilateral de 1959, que garante o grosso da água do Nilo a esses dois países, e a Etiópia, no acordo da Bacia

do Nilo de 2010, boicotado pelo Egito.

Este já é o segundo episódio de suspensão das negociações da GRRE em menos de um ano. A estratégia adotada pela Etiópia, de aumentar suas exigências, está ligada à fragilidade política interna do primeiro-ministro Abiy Ahmed, desafiado há mais de um mês por protestos populares de integrantes da etnia Oromo. Em consequência disso, a postura etíope nas negociações se tornou mais combativa: passou a recusar o adiamento do início do preenchimento da GRRE, tratando apenas do prazo para sua conclusão. O fato da Etiópia se encontrar a montante, direção à nascente, ou seja, contracorrente, favorece essa demonstração de força. A atual suspensão das negociações pode favorecer a Etiópia, dando ao país o tempo que precisa. Isto, visto que com a chegada da estação de chuvas na região significa que o preenchimento da represa já começou, e pode se tornar um fator inevitável, com ou sem a participação do Egito e do Sudão nas negociações.

EUROPA

Economia e Defesa no consenso europeu

Nathália do Vale

Após cinco dias de debates intensos, o Conselho Europeu obteve consenso e aprovou, no dia 20 de julho, o pacote de ajuda de €750 bilhões devido à pandemia, parte do orçamento multianual do bloco (de €1,8 trilhão). As discussões foram marcadas pela oposição de países “frugais” como Holanda e Dinamarca, contrários a um estímulo financeiro ainda mais robusto aos países que estas nações consideram “fiscalmente irresponsáveis”, o que foi defendido por França e Alemanha, sinalizando que divisões existentes durante a crise do euro em 2008 persistem. Parte do valor será obtida por empréstimos à dívida mutualizada igualmente entre os membros, conhecidas como “*corona bonds*”, em sinal de solidariedade europeia após meses de críticas à atuação da União Europeia face à pandemia ([Boletim 113](#)).

Contudo, o estímulo pode não ser suficiente para colocar todas as economias do bloco “no verde”. Projeções indicam que sete dos dezenove membros da zona do euro terão dívidas acima de 100% do PIB neste ano e altas taxas de desemprego. Há também perspectiva de uma segunda onda da COVID-19, visto que países como a Espanha já cogitam retomar medidas focalizadas de distanciamento.

Presidente do Conselho até o fim do ano, o papel da Alemanha enquanto líder do bloco e conciliadora das diferenças também será testado em matéria de Defesa. Entre as pautas do atual mandato, está o lançamento da primeira análise comum de ameaças do bloco, definida pelo ministro da Defesa alemão como uma “orientação estratégica comum”. A iniciativa pode apontar a necessidade de novas capacidades, implicando maiores investimentos nos próximos anos, e retomar discussões sobre a participação de empresas de defesa fora da UE em projetos de cooperação, antigo desejo das empresas americanas. Neste caso, seria necessário delinear como fazê-lo sem permitir que estas empresas acessem os fundos de Defesa do bloco, como o *European Defence Fund* e o *European Defence Industrial Development Programme*.

Ao mesmo tempo, no *front* doméstico, a Alemanha precisa se preocupar também com a sucessão de Angela Merkel em 2021 e a manutenção da estabilidade na coalizão governamental. Outrossim, fatores externos como o posicionamento do bloco em relação à China e a importância de seus investimentos na região, sobretudo os leilões do 5G, bem como a indecisão das eleições norte-americanas, terão grande influência nas negociações.

As explosões na infraestrutura estratégica do Irã e implicações geopolíticas

Pedro Albit

No dia 19 de julho, uma explosão ocorreu em uma usina de energia elétrica iraniana localizada na província de Isfahan, no centro do país. Segundo autoridades locais, a explosão foi consequência de equipamentos defeituosos, e não houve fatalidades. Entretanto, esse incidente não foi o primeiro: no dia 02 de julho, uma explosão já havia atingido o complexo nuclear de Natanz, central para o programa nuclear iraniano. Duas semanas depois, explosões ocorreram no porto de Bushehr, incendiando sete navios.

Apesar de investigações inconclusivas até o momento e justificativas de falha interna, chama atenção o fato de as explosões ocorrerem em setores estratégicos à Defesa e soberania iraniana, principalmente ao se levar em conta as afirmações dos EUA e de Israel de que não deixariam o Irã desenvolver uma bomba nuclear. Em 2018, o presidente norte-americano, Donald Trump, retirou os EUA do Plano de Ação Conjunta Global (JCPOA, sigla em inglês), acordo firmado em 2015 que regulava o programa nuclear iraniano. Com a saída, o Irã afirmou que enriqueceria urânio além dos limites previstos pelo acordo, o que levou os EUA a aumentarem a pressão sobre o país.

Como consequência desta pressão norte-americana, a qual o porta-voz do Ministério do Exterior iraniano, Abbas Mousavi, afirma se materializar também por meio de ciberataques, o Irã tem se movimentado para não ser sufocado: o país costura um acordo econômico e de segurança com a China de cerca de US\$ 400 bilhões, estratégico para ambos os países. Enquanto o Irã busca fugir das sanções norte-americanas, a China consegue expandir seus projetos na Ásia Central, fortalecendo um adversário dos EUA e, talvez com isso, dividindo a atenção que este tem dado ao Indo-Pacífico. O Irã também iniciou discussões com a Rússia para um acordo de cooperação com vigência de 20 anos.

Fica aparente como a correlação de forças tem agido neste tabuleiro. Ao considerar a possibilidade de que os EUA e Israel tenham participado dos ataques na infraestrutura estratégica iraniana, evidencia-se o uso da inteligência, capacidade tecnológica e cibernética desses países para atingir pontos críticos do Irã e frear seu programa nuclear. Este, por outro lado, apoia-se na Rússia e na China para melhorar sua capacidade de Defesa e fugir das sanções econômicas.



Fonte: Daily Mail

O Dia da Marinha Russa e o retorno da Rússia Global

Pérsio Glória de Paula

No dia 26 de julho de 2020, a Rússia celebrou o Dia da Marinha. O evento foi comemorado com paradas navais em diversas regiões do país, em que participaram mais de duzentas embarcações. Na ocasião, o presidente russo, Vladimir Putin, ressaltou a importância do processo de melhoria tecnológica e da introdução de novos armamentos navais. Putin também anunciou que mais de 40 embarcações serão colocadas em serviço ainda em 2020.

Inaugurada por Pedro, o Grande, no final do século XVII e com mais de trezentos e vinte anos de existência, a trajetória da Marinha russa tem vínculo direto com a influência de Moscou nos assuntos globais e com os diversos momentos de ascensão, queda e ressurgimento na história desse país. As recentes paradas navais podem ser analisadas como mais uma demonstração do governo Putin de que a Rússia superou a fraqueza e o declínio que caracterizaram o período imediato após a dissolução da União Soviética e a década de 1990. Apesar de a Marinha russa ainda estar aquém do poderio que deteve no período soviético, quando o país chegou a possuir mais de seiscentas belonaves, o processo de expansão

e modernização naval feito na última década é um dos pilares para o retorno de Moscou ao rol das potências globais.

Essa atuação em nível global ficou evidente já em 2015, quando seu poder naval foi amplamente utilizado para intervir no conflito sírio, com, por exemplo, o lançamento de mísseis de cruzeiro a partir do Mar Cáspio e do Mar Mediterrâneo. Esse evento demonstrou que o país era capaz de projetar poder além do espaço pós-soviético e, portanto, não mais uma potência regional limitada. Apesar de alguns analistas sugerirem que essa atuação russa foi um ponto fora da curva, a Marinha russa se mostra cada vez mais competitiva e capaz de empregar uma nova geração de armamentos de ponta, como drones nucleares submarinos e mísseis hipersônicos. Em termos geopolíticos e geoestratégicos, o retorno da “Rússia Global” aparenta ser uma tendência mais duradoura do que se esperava. Não à toa, uma das paradas navais do Dia da Marinha ocorreu em Tartus, na Síria, com navios que ainda atuam no conflito e asseguram a posição russa no Mediterrâneo.

O Exercício Sea Breeze 2020 e as pressões navais russas

Luiza Guitarrari

Omês de julho do presente ano foi marcado pela escalada de tensões no Mar Negro entre Estados costeiros e aliados, desempenhando, assim, um papel fundamental em sua estratégia e política de Defesa. Desse modo, no dia 20 de julho, ao noroeste da região, deu-se início o exercício militar *Sea Breeze 2020*, parte do Programa de Parceria para a Paz da OTAN, que visa assegurar a defesa aérea, aumentar a cooperação entre os países e mitigar conflitos futuros na região. Junto à presença militar norte-americana, seu objetivo é também conter o expansionismo russo, considerando a concentração de suas tropas próximas às fronteiras da Ucrânia.

O 20º exercício multinacional contou com as ações de comando e controle de quartéis-generais em Odessa e Rota, na Espanha, sendo composto por 2.000 militares e Forças Armadas de oito países: Romênia, Bulgária, Turquia, Geórgia, Noruega, Espanha, Ucrânia e Estados

Unidos, sendo os dois últimos coorganizadores do exercício. Assim, durante uma semana, a manobra internacional operou com 19 aeronaves e 26 embarcações, incluindo o contratorpedeiro norte-americano *USS Porter DDG-78* e aeronaves de patrulha *P-8 Poseidon*.

Por conseguinte, desde a anexação da Crimeia em 2014, além de adicionar 750 km em sua zona costeira, a Rússia conseguiu obter controle total da base de Sebastopol, onde sua Esquadra do Mar Negro é baseada. Paralelamente, dias antes do exercício *Sea Breeze*, almejando a proteção das águas no entorno da península ocupada, a Esquadra do Mar Negro e tropas de defesa costeira foram designadas para um “exercício surpresa de prontidão para combate”. Seguindo ordem do presidente Putin, o teste de prontidão na região envolveu 3.000 militares, inclusive navios de guerra e aeronaves.

A parceria estratégica com Estados Unidos e OTAN tem papel fundamental para a Ucrânia, que depende das »

garantias de segurança ocidental para conter a vizinha Rússia. Assim, em vista das recentes manobras na região, no dia 22 de julho, o Ministério da Defesa da Rússia informou que constantes monitoramentos estavam sendo realizados. Os russos, portanto, visam garantir seu poder regional, centrando-se no fortalecimento de suas Forças

Armadas e na modernização da Esquadra do Mar Negro. Esta que, além de funcionar como mecanismo dissuasório, também é importante para a manutenção russa em pontos estratégicos globais, como o Mediterrâneo e o Canal de Suez.



LESTE ASIÁTICO

JS Izumo e a oceanopolítica japonesa

Continuando um processo de expansão das capacidades militares, conforme as diretrizes do Livro Branco “Defesa do Japão 2020”, o governo japonês anunciou a reforma/conversão do navio multipropósito *JS Izumo*, de 27 mil toneladas. O objetivo é operacionalizar a capacidade de emprego das forças aéreas no navio, permitindo o lançamento dos jatos *F-35B*, e a ampliação da capacidade de operação das Forças de Autodefesa do Japão (JSDF). As aeronaves não serão implementadas antes do ano fiscal de 2024, o que pode ser visto como uma consequência das questões econômicas que surgiram em decorrência da atual conjuntura. O espaço naval e aéreo no entorno do país é fulcral para a manutenção das rotas marítimas, segurança energética e proteção da nação frente aos principais rivais geopolíticos.

No que concerne a geopolítica japonesa, o livro branco de defesa faz uma análise de cenário primordial para o

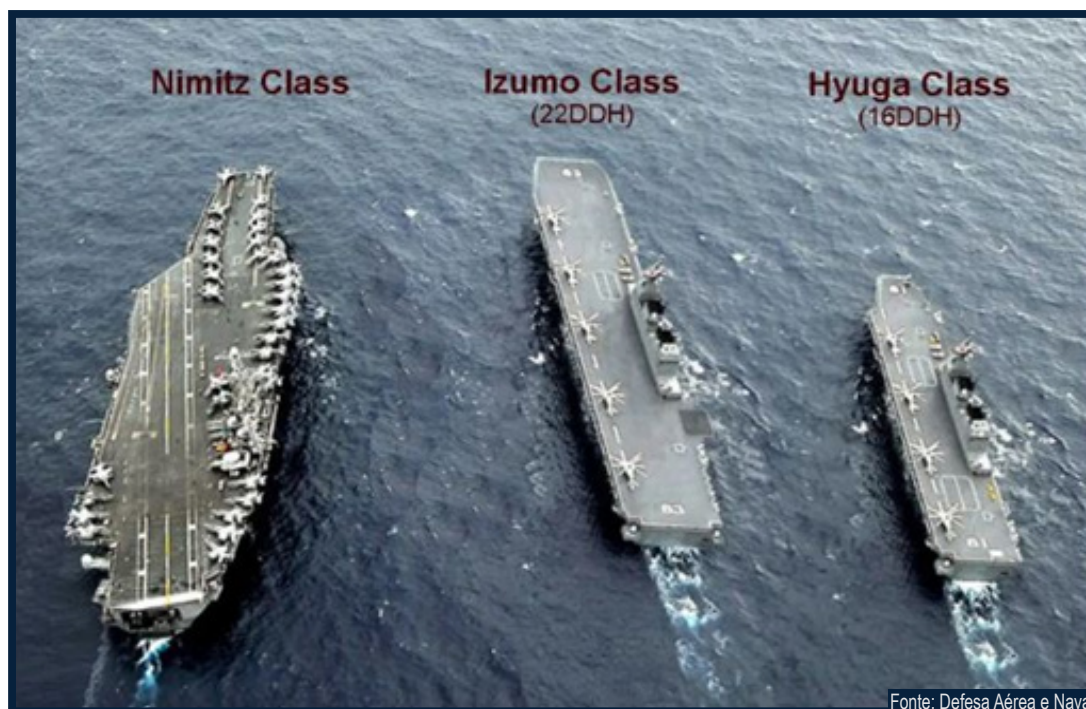
Vinicius Guimarães Reis Gonçalves

entendimento do seu entorno estratégico: a tendência de crescimento de situações na chamada “zona cinzenta”, que subentende conflitos que tensionam ao máximo o direito internacional e a diplomacia, sem necessariamente serem considerados como atos de guerra. As possíveis atividades nocivas perpetradas pelos Estados, nesse contexto, são norteadas pela “Guerra Híbrida”. Esse tipo de conflito não tradicional é tratado pelo governo japonês como uma das principais ameaças futuras à sua “soberania e interesses econômicos”. As situações, como abordadas pela política de Defesa, são um reflexo tanto das disputas territoriais com a China quanto das turbulências na península Coreana. Recentemente, o Japão acusou, nominalmente, a China de aproveitar a pandemia de COVID-19 para avançar com a sua agenda “unilateral”.

A estratégia de Defesa japonesa não espera um »

conflito em larga escala na região, mas sim pressupõe um cenário de constantes embates que prolongam a instabilidade regional. Com isso, é fundamental a compreensão do quão importante é a modernização das JSDF, seja através da produção de submarinos ou

reformulação da constituição pacifista japonesa, para a defesa de seus interesses nacionais. Nesta perspectiva de longa duração, o entorno marítimo é a primeira linha de defesa frente às ameaças exógenas.



Coreia do Sul: rescindir ou continuar o GSOMIA com o Japão?

Marcelle Torres

Na esteira de questões sensíveis nas relações bilaterais entre a Coreia do Sul e o Japão, como as restrições às exportações de Tóquio a Seul e a recente reivindicação japonesa sobre a ilha Dokdo (histórica, geográfica e reconhecida de soberania sul-coreana), soma-se mais uma questão: a ordem de compensação japonesa às vítimas coreanas de trabalho forçado antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Em decorrência, Seul retoma o estudo da possibilidade de encerramento do Acordo Geral de Segurança de Informações Militares (GSOMIA, sigla em inglês) com Tóquio. O GSOMIA prevê o compartilhamento direto de inteligência militar entre Seul e Tóquio, com notificações de movimentações irregulares em águas regionais e informações acerca das atividades nucleares e de mísseis da Coreia do Norte.

Todavia, especialistas ressaltam que a ameaça de cancelamento do acordo a) não proporciona influência de negociação com Tóquio; b) poderia fortalecer a tríade Pyongyang, Pequim e Moscou, beneficiando a oposição

ao sistema de alianças de Washington; e c) poderia levar a novas pressões de Washington contra Seul - tendo em vista a visão estadunidense do GSOMIA como ferramenta de contenção da China na Ásia. No âmbito de uma disputa diplomática entre Washington e Pequim que distende, o governo dos EUA busca mostrar uma aliança consistente com a Coreia do Sul e o Japão à China.

Assinado em 23 de novembro de 2016, o GSOMIA é anualmente renovado de forma automática, exceto se uma das partes notificar a outra de decisão contrária com antecedência de 90 dias. Dessa forma, caso opte pelo encerramento, Seul deverá informar sua intenção a Tóquio até 23 de agosto. Contudo, o alinhamento de defesa entre ambos por meio do GSOMIA permite uma comunicação direta e integrada com maior eficácia de capacidade de vigilância. Seul e Tóquio devem com urgência realizar esforços concretos e reais em prol do arrefecimento das tensões e da restauração da confiança mútua.

Conflito sino-indiano nos Himalaias e os impactos no Oceano Índico

Rebeca Leite

Em 15 de junho de 2020, militares indianos foram mortos após um confronto com o Exército chinês na fronteira com o Tibete, em decorrência do não reconhecimento de uma fronteira formal entre os dois países (Boletim 116). Desde então, as autoridades indianas buscam estratégias para lidar com este cenário tanto no âmbito político como na arena militar.

No dia 21 de julho, foi veiculado que a Índia está deslocando alguns de seus caças *MiG-29K* para as bases aéreas ao norte, próximas à fronteira com a China. O intuito é aumentar a segurança no setor de Ladakh, palco do último embate. O emprego destas aeronaves às bases da Força Aérea indiana faz parte do plano de articulação entre as Forças Militares indianas, de modo a garantir ampla resposta militar, em seus três segmentos, caso seja necessário.

Em 24 de julho, ocorreu uma nova rodada de negociações entre autoridades indianas e chinesas, cujo objetivo seria desescalar o conflito. Por meio da nota emitida pelo Ministério das Relações Exteriores da Índia, o resultado pode ser considerado inconclusivo, uma vez que ambas as partes “concordaram que há a necessidade de haver novas negociações para discutir a desescalada e

o desengajamento na fronteira”.

Em decorrência deste impasse, a Índia está catalisando esforços para atividades de vigilância no Oceano Índico, temendo possíveis incursões navais chinesas. Navios de guerra da Marinha dos Estados Unidos, capitaneados pelo *USS Nimitz*, realizaram exercícios navais conjuntos com os indianos, totalizando oito navios nesta operação. Na dinâmica estratégica da relação conflituosa entre Índia e China, o Oceano Índico é um ponto-chave para possíveis vantagens indianas. A Índia possui bases, pontos de apoio e relações diplomáticas estratégicas com países ao longo das linhas de comunicação marítima e pontos focais, desde o Golfo Pérsico, Baía de Bengala, Ilhas de Andaman e Nicobar, até a costa africana, regiões que consistem em rotas energéticas vitais para Pequim.

Dessa forma, tais fatos demonstram que, apesar das tentativas de desescalada do conflito no nível político, no âmbito militar há sinais de empregos táticos, considerando o risco de novos confrontos. Além disso, nota-se que a Índia reforça suas atividades com parceiros estratégicos no Oceano Índico para tentar evitar reações chinesas em outras frentes de disputa.



EUA e Vietnã: 25 anos de relações diplomáticas em meio à disputa regional

Matheus Bruno Pereira

Em julho de 2020, foi comemorado os 25 anos desde o reatamento de relações diplomáticas entre EUA e Vietnã em 1995. A data contou com declarações do secretário de Estado estadunidense, Mike Pompeo, aonde frisou a satisfação de Washington em reconstruir laços com Hanói, exaltando a superação dos litígios do passado. A comemoração ocorre em meio às constantes ações chinesas no Mar do Sul da China (MSC), com incursões que não só intimidam, mas até mesmo afundam navios de países como Vietnã e Filipinas. Mesmo durante a pandemia, as ações do Exército de Libertação Popular (PLA, sigla em inglês) na região se mostram frequentes ([Boletim 115](#)).

Contudo, é importante lembrar que esse estreitamento de relações no âmbito estratégico vem desde 2015, quando, no governo Obama, a política estadunidense buscava parcerias na região, realizando ações como a suspensão da proibição de venda de armamentos e até doação de navios patrulha para Hanói (a partir de 2017). Durante a primeira metade do governo Trump, porém, a busca por parcerias na Ásia foi deixada em segundo plano, sendo perceptível, por exemplo, pelo adiamento de reuniões com líderes da ASEAN. Apesar disso, na esfera militar, houve eventos significativos para a relação

entre os dois países, como a visita de navios aeródromos estadunidenses ao Vietnã em 2018 ([Boletim 69](#)) e 2020 ([Boletim 112](#)).

O país do Sudeste Asiático, por sua vez, mesmo diante da ameaça da Marinha chinesa na região, não parece buscar um alinhamento automático. O seu posicionamento pragmático é uma característica antiga, buscando evitar qualquer aliança que o coloque em conflitos entre grandes potências. Poderá, ainda, explorar o relacionamento com os dois países para aprimorar sua situação econômica. Apesar de a China ainda ser seu principal parceiro comercial, o litígio no MSC teria trazido um prejuízo de US\$ 1 bilhão para setores como pesca, gás e petróleo. Em contrapartida, sua balança econômica com os EUA vem sendo positiva, alcançando US\$ 55,8 bilhões em excedentes em 2019. No mesmo período, uma série de investidas empresariais vêm sendo feitas no país para atrair empresas alocadas na China, majoritariamente associadas a redes de *Supply Chain*.

Caberá ao Vietnã manejar o diálogo entre os dois países de maneira a preencher os seus interesses regionais, e garantir as suas reivindicações. Contudo, tomando cautela para não entrar em nenhuma disputa geopolítica entre as duas grandes potências.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Além da preocupação ambiental: A parte política do ambicioso projeto australiano

Ana Carolina Lahr

A Austrália teve progresso para a construção da primeira pista pavimentada de 2,7 quilômetros no continente antártico, perto da estação Davis em Vestfold Hills, a primeira desse tipo no continente. A nova pista permitirá acesso à aviação durante todo o ano entre Hobart e a Antártica e o emprego de aeronaves de grande porte, como *Boeing 787* e *Airbus A330*.

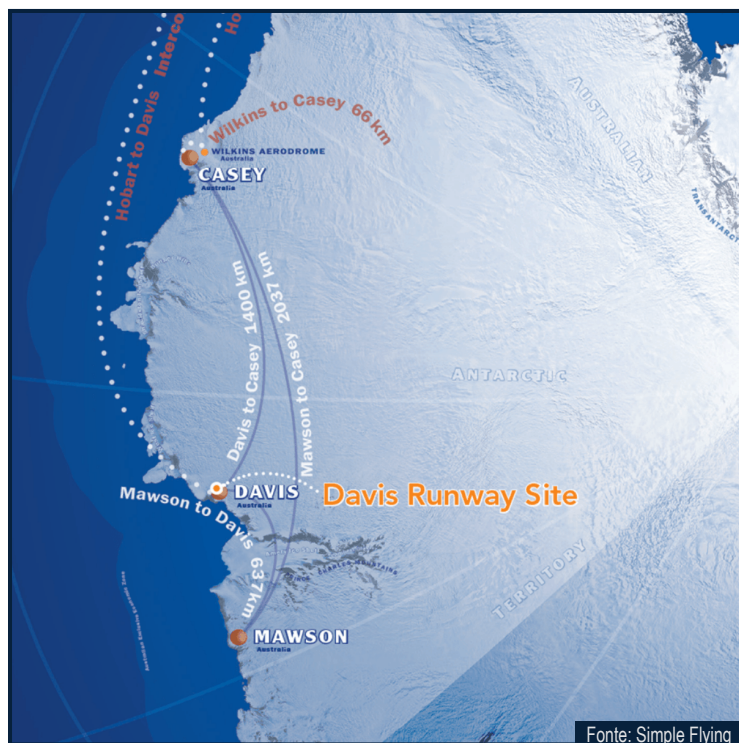
A pista ainda está sujeita à aprovação por órgãos ambientais. Críticos apontam uma desconformidade do aeródromo com o Plano de Ação para os próximos 20 anos e a finalidade de “liderança em gestão ambiental”. Considerando o histórico australiano em gestão ambiental (abandonando em 1989 a Convenção de Mineração para

o subsequente Protocolo de Madri de 1991, instituindo uma moratória à exploração de recursos minerais, pelo menos, até 2048), o país compromete-se a minimizar os impactos ambientais do aeródromo, medidas que serão detalhadas em um momento posterior do processo de avaliação, mas espera-se que esse projeto seja referência para avaliações e gerenciamento de impacto ambiental na Antártica.

A Austrália é um dos signatários originais do Tratado da Antártica, em 1959, e reivindica soberania sobre cerca de 42% do continente. O país utiliza o aeródromo de Wilkins, com pista glacial, inaugurado em 2007-08 e que opera de outubro a março, perto da estação Casey, »

para acesso da aviação intercontinental australiana. A presença física e científica são marcos consistentes em suas três estações permanentes, e serão beneficiadas com o acesso aprimorado da pista que, conforme a Divisão, agregará na compreensão da elevação do nível do mar e impacto das mudanças climáticas e estudos das principais espécies por todo o ciclo de vida anual.

A pista vai em concordância com os interesses nacionais postulados na Estratégia Antártica Australiana e no Plano de Ação. O acesso à Antártica por todo o ano, aportes para liderança e influência estratégica que o país visa ter diante dos interesses de longo prazo e as atividades científicas – influenciando a política antártica. E reforça a reivindicação do país, evidenciando a busca em proteger seus interesses antárticos, particularmente não ignorando a preocupação comparado a outros países investindo pesadamente para pleitear influência, como o exemplo da construção da quinta estação de pesquisa da China – presença crítica na defesa da soberania do país no Território Antártico Australiano.



TEMAS ESPECIAIS

A Guerra Fria tecnológica entre EUA e China: o caso da Huawei

Louise Marie Hurel

Desde 2018, os EUA têm adotado um posicionamento de enfrentamento direto ao poder econômico chinês e pressionado outros países nessa guerra geopolítica, comercial e tecnológica. Em julho, o Reino Unido foi o quarto país a anunciar que baniria equipamentos da empresa chinesa *Huawei* das suas redes 5G. Ao passo que o 5G promete revolucionar cidades e serviços, preocupações sobre a relação entre empresas de infraestrutura como a *Huawei* e o governo chinês ganham notoriedade internacionalmente ([Boletins 74](#) e [92](#)). Apesar de a empresa já ter sido auditada, e nenhuma falha de segurança encontrada, alegações sobre potenciais riscos à privacidade e segurança nacional permanecem.

O Brasil é o mais recente capítulo das disputas ao redor do 5G. O embaixador estadunidense, Todd Chapman, avisou que o Brasil enfrentaria “consequências” caso permitisse que empresas “não confiáveis” participassem na implementação de 5G no país e receberiam incentivos econômicos por meio de “parceiros confiáveis” como a *Ericsson*, caso optassem por banir a *Huawei*. A China não assumiu nenhum posicionamento explícito sobre o tema; mas a *Huawei* alertou para o prejuízo econômico que o Brasil enfrentaria se restringisse a participação da

empresa. O adiamento do leilão das frequências 5G pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) de 2020 para 2021 proporcionou ao governo mais tempo para se posicionar sobre o tema. Contudo, o Brasil em breve terá de tomar uma decisão difícil: escolher entre seu maior parceiro comercial desde 2009 ou seu aliado histórico.

A crescente presença global de *big techs* chinesas deve continuar a incomodar o governo Trump, e a *Huawei* está longe de ser a única na mira do governo. No dia 06 de agosto, o presidente Trump passou duas ordens executivas impondo restrições ao aplicativo de mensagens *WeChat* e à rede social *TikTok* por receios de vigilância estatal chinesa. As ordens apontam uma expansão das fronteiras tecnológicas da disputa geopolítica entre os dois países.

É provável que Trump continue a institucionalizar restrições às empresas chinesas de tecnologia no mercado estadunidense e a pressionar aliados e “*swing states*” a adotarem o mesmo posicionamento. Isso trará desafios transversais a cadeias de produção e ao ritmo da globalização. No entanto, uma possível vitória de Joe Biden nas eleições de novembro mudaria a estratégia dos EUA perante o crescimento das *big techs* chinesas.

- ▶ [Naval Warfare 2010-2020: a comparative analysis](#)
CIMSEC, Jimmy Drennan
- ▶ [Geopolitical Impacts of the Fourth Industrial Revolution](#)
GEOPOLITICAL MONITOR, Jose Miguel Alonso-Trabanco
- ▶ [The US May Lose in Trump's TikTok War](#)
PROJECT SYNDICATE, Shang-Jin Wei
- ▶ [Germany Prepares to Commission World's First LNG-Powered Research Ship](#)
THE MARITIME EXECUTIVE
- ▶ [Countering Chinese String of Pearls, India's 'Double Fish Hook' Strategy](#)
MODERN DIPLOMACY, Pankaj Jha
- ▶ [Defense Cooperation Agreement Between Cyprus And France Comes Into Force](#)
NAVAL NEWS, Xavier Vasseur
- ▶ [Beware the Guns of August—in Asia](#)
FOREIGN AFFAIRS, Kevin Rudd
- ▶ [Is It Possible to Avert Chaos in the Vaccine Scramble?](#)
CSIS, J. Stephen Morrison, Anna Carroll, Katherine E. Bliss

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

AGOSTO

17 Lançamento do 2º VEGA

17-31 Exercício militar RIMPAC 2020 (Pearl Harbor, Havaí)

25-30 41ª Assembleia Geral da Assembleia Interparlamentar da ASEAN (Ha Long, Vietnã)

31 Reunião do Grupo de Trabalho Contra o Terrorismo dos BRICS

SETEMBRO

15-30 Assembleia Geral da ONU

19 Eleições legislativas na Nova Zelândia

REFERÊNCIAS

- **Frota chinesa em Galápagos reacende debate sobre controle marítimo sul-americano**
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. [Los efectos del COVID-19 en el comercio internacional y la logística](#). CEPAL, 06 jul. 2020. Acesso em: 06 ago. 2020.
ZAMBRANO, Ricardo. [¿Se puede 'atacar' a la flota de barcos extranjeros, en su mayoría chinos, que está en las cercanías de Ecuador?](#), Fuerzas Armadas piden calma. El Universo, 06 ago. 2020.
- **A Rota Bioceânica como símbolo de integração sul-americana**
ASATO, T; GONÇALVES, D; WILKE, E. [Perspectivas do Corredor Bioceânico para o Desenvolvimento Local no estado de MS: o caso de Porto Murtinho](#). Interações, 2019. Acesso em: 07 ago. 2020.
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. [Governo Federal lança edital de licitação para mais uma etapa da Rota Bioceânica](#). Ministério da Infraestrutura, 29 jul. 2020. Acesso em: 07 ago. 2020.
- **Debate sobre os gastos militares dos EUA**
GOULD, Joe. [Progressive effort to cut defense fails twice in Congress](#). Defense News, 22 jul. 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.
HARTUNG, William. [House and Senate Poised For Historic Votes On Reducing Pentagon Spending](#). Forbes, 21 jul. 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.
- **Entre insurgentes e mercenários: o caso de Cabo Delgado e o impasse sul-africano**
FABRICIUS, Peter. [How serious is the Islamic State threat to attack South Africa?](#). Maverick, 23 jul. 2020. Acesso em: 01 ago. 2020.
FLANAGAN, Jane. [Isis threatens to terrorise South Africa](#). The Times, 10 jul. 2020. Acesso em: 01 ago. 2020.
- **Idas e vindas nas negociações do Nilo**
QUINN, C. Egypt, [Ethiopia and Sudan resume Nile talks](#). Foreign Policy, 03 ago. 2020. Acesso em: 07 ago. 2020.
[Egypt calls for suspension of Nile dam talks](#). The East African, 05 ago. 2020. Acesso em: 07 ago. 2020.
- **Economia e Defesa no consenso europeu**
[750 milliards d'euros, dette commune, rabais... le contenu du plan de relance européen](#). Le Parisien, 21 jul. 2020. Acesso em: 23 jul. 2020.
SPRENGER, Sebastian. [Germany pushes for a common EU stance on threats to the bloc](#). Defense News, 24 jun. 2020. Acesso em: 25 jul. 2020.
- **As explosões na infraestrutura estratégica do Irã e implicações geopolíticas**
[Iran shipyard incident latest in series of unexplained fires](#). Al-Monitor, 15 jul. 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.
AZODI, S., SOLHDOOST, M. [US and Israel shift from sanctions to alleged sabotage against Iran](#). Atlantic Council, 14 jul. 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.
- **O Exercício Sea Breeze 2020 e as pressões navais russa**
VENHUIZEN, Harm. [US presence in Black Sea for training helps send 'message to any adversary', USAF leader says](#). Military Times, 22 jul. 2020. Acesso em: 09 ago. 2020.
[Russian Black Sea Fleet forces return to home bases after snap combat readiness check](#). TASS, 23 jul. 2020. Acesso em: 09 ago. 2020.
- **O Dia da Marinha Russa e o retorno da Rússia Global**
JABER, Raed. [Russian Navy Holds Parade in Tartous](#). Asharq Al-Awsat Newspaper, 28 jul. 2020. Acesso em: 08 ago. 2020.
[40 ships to enter service with Russian Navy this year, Putin says](#). TASS, 26 jul. 2020. Acesso em: 08 ago. 2020.
- **JS Izumo e a Geopolítica do mar japonesa**
ESTADO DO JAPÃO. [Defense os Japan \(Annual White Paper\)](#). Ministério da Defesa, 2020. Acesso em: 08 ago. 2020.
HOPPER, Craig. [With 30 Submarines, Japan Will Shape the Pacific's Undersea Defenses](#). RealClear Defense, 20 jul. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.
- **Coreia do Sul: rescindir ou continuar o GSOMIA com o Japão?**
KANG, Seung-woo. [GSOMIA termination may provoke US backlash](#). The Korean Times, 05 ago. 2020. Acesso em: 08 ago. 2020.
CHA, Victor. [The Meaning of GSOMIA Termination: Escalation of the Japan-Korea Dispute](#). CSIS, 22 ago. 2019. Acesso em: 08 ago. 2020.
- **Conflito sino-indiano nos Himalaias e os impactos no Oceano Índico**
PANDIT, Rajat. [Naval MiG-29K fighters & P-8I aircraft deployed amid border tensions with China](#). The Times of India, 21 jul. 2020. Acesso em: 22 jul. 2020.
BRESTER, David. [India-China conflict: A move from the Himalayas to the high seas?](#). The Interpreter, 10 jul. 2020. Acesso em: 23 jul. 2020.
- **EUA e Vietnã: 25 anos de relações diplomáticas em meio à disputa regional**
TRAN, Bich T. [Will We See a US-Vietnam Strategic Partnership?](#). The Diplomat, 15 jul. 2020. Acesso em: 08 ago. 2020.
[Vietnam's Response to the United States Changing Approach to the South China Sea](#). Council on Foreign Relations, 03 ago. 2020. Acesso em: 08 ago. 2020.
- **Além da preocupação ambiental: A parte política do ambicioso projeto australiano**
CURRAN, Andrew. [A New Airfield In Antarctica; Australia Is Gearing Up To Build One](#). Simpleflying, 13 jul. 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.
BROOKS, Shaun; JABOUR, Julia. [Australia wants to build a huge concrete runway in Antarctica. Here's why that's a bad idea](#). The Conversation, 16 jul. 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.
- **A Guerra Fria Tecnológica entre EUA e China: O Caso da Huawei**
BOWLER, Tim. [Huawei: Why is it being banned from the UK's 5G network?](#) BBC News, 14 jul. 2020. Acesso em: 09 ago. 2020.
STUENKEL, Oliver. [Huawei or Not? Brazil Faces a Key Geopolitical Choice. Americas](#) Quaterly, 30 jun. 2020. Acesso em: 09 ago. 2020.

CAPA:

[NAVIO RUSSO DURANTE O DIA DA PARADA NAVAL](#). POR: KREMLIN

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

► ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Yemen's UNESCO-listed Old Sanaa houses collapse in heavy rains](#). Al Jazeera, 10 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Foreign Powers Face Off in Libyan Civil War, Risking Wider Conflict](#). The Wall Street Journal, 04 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Beirut explosion: Lebanon's government 'to resign' as death toll rises](#). BBC, 10 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [One Stranded Tanker Signals Perils of Trading With Venezuela](#). Bloomberg, 06 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.
- MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Aumento das tensões entre Grécia e Turquia: [Greece accuses Turkey of 'threatening peace' in the Mediterranean](#). Deutsche Welle, 10 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.

► MÉDIO RISCO:

- MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Avanço chinês sobre as regiões: [Fighter jets cross a line in Taiwan Strait, says Taipei as it hosts US health official amid rising US-China tension](#). South China Morning Post, 10 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.
- SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [Full-fledged military escalation looms large in Idlib](#). Al Monitor, 06 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.
- GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Nine Abducted FPSO Crewmembers Released by Pirates](#). The Maritime Executive, 10 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [South Africa must beware of terrorism in Mozambique](#). Defence Web, 07 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.
- FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito armado na região de Nagorno-Karabakh: [Azerbaijani MFA: Armenia attempting to illegally resettle Armenians from Middle East in occupied Nagorno-Karabakh](#). International News, 09 ago. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 10 países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho e laranja de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa: